

LIVROS, O TESOURO DO MEU PAI

Mark R. Rushdoony

Todos os que conheceram R. J. Rushdoony sabem que ele estimava os livros. Começou a ler vorazmente quando era muito jovem. As únicas travessuras nas quais pude vê-lo, e com um prazer cheio de orgulho, foram suas tentativas de ler depois da hora de ir para a cama, ao abrir um pouco a porta de seu quarto para deixar que um pequeno raio de luz caísse sobre seu livro. Meus irmãos e eu aprendemos logo que rasgar ou fazer rasuras em um livro, inclusive em nossos próprios livros infantis, faria com que nosso pai nos desse uns bons carões.

Meu pai começou a colecionar seu tesouro de livros muito cedo na vida. Começou de verdade durante seus anos na Universidade e no Seminário, quando podia comprar seus livros por cinco ou dez centavos. Durante esses anos da Depressão e guerra, comia de forma tão econômica quanto possível ou se privava totalmente de algumas refeições para ter dinheiro para comprar livros. Passava horas na biblioteca lendo os livros que não podia comprar. Na época em que experimentava seus quarenta anos, minhas recordações são de livros que enchiam seu escritório, do tamanho de um quarto, a metade da sala de jantar e uma despensa. Quando se mudou para uma casa antiga, porém grande, e começou a fazer trabalho de pesquisa para uma fundação privada, os livros começaram a estender-se por toda casa chegando até à garagem. O piso começou a afofar por causa do peso. Os livros chegavam pelo correio diariamente e continuaram chegando dessa forma nos anos seguintes. Frequentemente chegava em casa de volta das feiras de livros usados e das liquidações das bibliotecas com caixas de livros. Quando se mudou para Los Angeles para começar a Fundação Chalcedon¹ em 1965, papai tinha 49 anos. Tivemos que murar um pátio inteiro para abrigar os livros. Ainda assim, eles tomaram conta de boa parte do resto da casa e da garagem. Uma casa maior, com outro novo anexo em 1972, proveu ainda mais espaço para os livros, embora insuficiente, é claro. Mais uma vez, a garagem estava cheia de caixas de livros. Quando meu pai se mudou para Vallecito, Califórnia, em 1975, mandou construir um edifício de 1.300 metros quadrados, quase uma biblioteca sem janelas. Um amigo construiu prateleiras ao largo das paredes do perímetro e as estantes de livros enchiam o resto. Por um tempo mamãe teve uma casa normal. Mas não durou muito. Quando a

¹ <http://www.chalcedon.edu/>

biblioteca se encheu, o excesso entrou em casa. As estantes enchiam quando o espaço vazio do piso e os montões começaram a acumular-se na sala. Papai ainda continuava a adquirir livros mesmo depois que sua visão praticamente lhe impossibilitava a leitura. Quando morreu, no ano passado, ele tinha uns 40.000 volumes.

A LEITURA

Meu pai não colecionava simplesmente os livros; ele os lia. Quando pastoreou uma igreja na remota reserva indígena de Duck Valley em Nevada, os índios o viam abrir um embrulho na caixa de correio contendo um novo livro e começar a lê-lo enquanto ia para casa, sem sequer levantar a vista. Lembro-me, enquanto eu ainda era menino, seu hábito antigo, o qual continuou por muitos anos, de levar um livro consigo para todo lugar. Se tinha de esperar em algum lugar, ainda que por poucos momentos, abria o livro e continuava sua leitura de onde havia parado a última vez. Se levava uma maleta cheia de livros em suas viagens para proferir conferências, voltava para casa com muitos já lidos e anotados. Como muita gente, leu muitos bons livros. Porém parte de seu extraordinário conhecimento proveio de sua leitura de muitos livros muito ruins. Isto era uma coisa assombrosa, e requeria uma mente perspicaz. Geralmente sabia mais sobre as idéias de outros homens do que sabiam os defensores de tais idéias. Muito de seu trabalho de escrita não teria sido possível sem seu extenso conhecimento de uma ampla variedade de indivíduos e temas que muitos cristãos conservadores nem sequer considerariam ler. Alguns livros ele leu de forma muito rápida, para obter o essencial de suas linhas de pensamento; alguns ele leu mais cuidadosamente. De qualquer forma, era um leitor muito ágil. Embora houvesse desenvolvido sua própria técnica, que realmente não podia explicar, deveria ser considerado, definitivamente, um leitor veloz. Frequentemente lia um livro em um dia; ler mais do que isso não lhe era desafio.

O uso dos livros por parte de papai mudou de alguma forma com o passar dos anos. Seu valor, para ele, consistia em serem úteis para seu trabalho; não representavam meramente um valor financeiro. Embora isso reduzisse seu valor, nunca deixou de escrever neles com esmero ou marcá-los. Eles eram essencialmente posses úteis, ferramentas, e não posses financeiras; ademais, nunca considerou vender nem sequer um deles.

Como eram úteis para seu trabalho, e tinha a intenção de que durassem muito tempo, preferia os de miolo duro aos de miolo flexível. Quando se referia aos livros de formatação barata e a disponibilidade de livros de miolo flexível terminava aborrecido. Era difícil convencê-lo a nos permitir produzir os livros da Chalcedon ou da Livraria Ross em edições de miolo flexível. E, embora se agradasse dos de miolo duro, as capas para protegê-los do pó eram para ele dispensáveis. Embora a maior parte das pessoas, na verdade, “julgue um livro por sua capa,” papai nunca o fez. Para ele os livros eram tesouros esperando serem abertos. Mas nem bem abria e folheava um livro, lia uma porção dele para julgar seu valor.

FAZENDO ÍNDICES

A maior parte dos livros não são dignos de ser estudados e digeridos minuciosamente. A maioria tem seu valor como fonte de informação; são fontes de referência ou de pedaços de informações ou de algum pensamento ocasionalmente perspicaz. Ter acesso a tais informações depois de meses ou anos é algo importante. Meu pai usou diferentes métodos desde muito cedo. Costumava escrever extensas notas sobre o que lia. Na época em que eu estava na Universidade, nos anos de 1970, os marcadores coloridos eram muito populares para fazer notas sobre informações importantes. Meu pai nunca gostou deles; comprometiam bastante a estética do livro. Por esse tempo ele já havia desenvolvido desde há muito seu próprio método de anotar, de fato, sua leitura. Quando lia um livro usava uma régua de seis polegadas e um lápis. Sublinhava com esmero uma parte importante de informação usando a régua, nunca a mão solta. As passagens mais extensas marcava com uma linha simples (ou dupla) na margem, paralela à borda da página. Um sinal de exclamação ou um “x” na margem denotava uma passagem ou declaração particularmente significativas. Logo escrevia uma referência a passagem marcando na parte final do livro. Estas geralmente eram descrições muito breves do que queria ter à mão para referências futuras. As anotações se pareciam mais o menos com o seguinte:

26ss, John Adams sobre Thomas Paine

52, Darwin e Freud

103-105, inflação como uma ferramenta para a revolução

Meu pai tinha uma memória incrível. Geralmente podia encontrar o livro que necessita e achar muito rapidamente a citação ou referência exata baseando-se em seu índice pessoal. Talvez você já teve a experiência de sublinhar um livro e caiu na armadilha de sublinhar o que seria um sumário do conteúdo. Isto requereria uma grande quantidade de marcação e provavelmente a releitura de todas as porções sublinhadas para lembrar o conteúdo. As anotações de meu pai ao final do livro (que não podiam ser feitas com um marcador) não tinham o propósito de resumir, mas de localizar um conteúdo específico para referências futuras. Para uma referência genérica ele anotava o momento (ou momentos) em que lia o livro e a indicação geográfica.

Meu pai podia lembrar-se de livros e autores que havia lido sessenta anos antes. Seu método de fazer índices tornava possível encontrar facilmente, citar, e documentar as referências que necessitava. Ocasionalmente nos pagava para encontrar um livro do qual queria retirar uma citação (“É um livro verde, um pouquinho grosso, com letras douradas. O título é *História e Destino do Sacilégio*.”) Se obtinhamos êxito, segundo me recordo, ele era mais generoso com os elogios do que com o pagamento.

Meu pai tinha uma mente tremenda e uma memória fenomenal. Porém, sua mente não era fotográfica. Seus livros eram uma parte necessária de seu ministério e trabalho. A aquisição e armazenagem deles requeria compromissos e sacrifícios financeiros. Também se requeria uma esposa sumamente paciente. Mamãe nunca se agradou do crescimento desmesurado da biblioteca, porém aceitava sua necessidade. Apenas traçou a linha divisória no dormitório (Papai não converteu em estantes para livros nem seu guarda-roupas nem sua cômoda.).

Meu pai lamentava que ministros inteligentes deixaram de aprender depois da Universidade e do Seminário. Ele lhes encorajava a dedicar tempo semanalmente para sua própria educação. Os livros são necessários para tal educação. A mente excelente de meu pai era uma benção dada por Deus. Seu desenvolvimento requereu livros e disciplina.

Embora meu pai já tenha partido para receber sua recompensa, os livros continuam em sua biblioteca. Com muito esforço reacomodei todos os livros (apenas) de sua casa. Minha esperança é que cheguem a estar, algum dia, em uma biblioteca da Chalcedon de primeira classe, disponíveis para muitos eruditos cristãos nos anos por vir. Porque no fim das contas, eram o tesouro terrenal de meu pai.